

## SEGUNDO MODERNISMO EM PORTUGAL: UM DESAFIO CRÍTICO?

CAIO GAGLIARDI \*  
(IEL/UNICAMP)

### RESUMO

Uma das características principais do 2º Modernismo Português foi o surgimento de uma geração de críticos que exerceram papel decisivo para a revitalização dos poetas da revista *Orpheu*, para a introdução em Portugal de grande quantidade de importantes autores estrangeiros, e para o desenvolvimento de uma atitude crítica e teórica sobre as artes em geral. As descrições que se fizeram da chamada “crítica presencista” refletem, no entanto, dificuldades de compreensão e falhas de abordagem que chamam especialmente a atenção por sua espantosa recorrência. O objetivo deste ensaio é identificar e analisar esses problemas. Uma vez que se foquem essas dificuldades como objetos de reflexão, talvez seja possível encontrar dentro da própria malha exegética sobre o tema a melhor forma de descrever o que se convencionou chamar de “crítica presencista”.

### ABSTRACT

One of the main characteristics of the Second Portuguese Modernism was the coming up of a generation of critics that has been essential for the revitalization of *Orpheu* magazine, to the introduction of a large quantity of foreign authors in Portugal, and the development of a critical and theoretical point of view about arts. Although, what was said about the “presencist criticism” shows the difficulties to describe it. The aim of this paper is to identify and analyze these problems. Once they are focused, maybe it can be possible to find out in the works about this theme the best way to face out the “presencist criticism”.

Parte significativa do que há de melhor na crítica portuguesa do século XX se dedicou a tratar de algum assunto referente à revista que arregimentou os críticos, poetas, romancistas, contistas, filósofos, pintores e desenhistas que, durante 13 anos, contribuíram para o que os historiadores chamam de 2º Modernismo em Portugal. É o caso, para ficar em alguns exemplos, de Fernando Guimarães, Óscar

---

\* Doutorando em Teoria e História Literária no IEL - Unicamp.

Lopes, Eduardo Lourenço, David Mourão-Ferreira, Jorge de Sena e António José Saraiva.

Para que se tenha uma idéia da importância que a revista *Presença* teve como celeiro de análises literárias, basta dizer que dois dos maiores críticos portugueses no século XX praticamente iniciaram as suas atividades intelectuais ali: João Gaspar Simões (que foi seu fundador ao lado de José Régio e de Branquinho da Fonseca) e Adolfo Casais Monteiro (que assume a direção da revista pouco tempo depois de sua fundação). São eles, ao lado de Régio, os responsáveis pela divulgação e apreciação dos três grandes poetas saídos da *Orpheu* (Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada Negreiros); de alguns escritores brasileiros então pouco conhecidos em Portugal, como Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Jorge Amado e Jorge de Lima; por algumas das primeiras recepções críticas de Proust, Ibsen, Gide, Pirandello, Valéry, Cocteau e Dostoiévski em seu país; e, como se não bastasse, pela disseminação de algumas das idéias centrais de Bergson e Freud em Portugal.

Vem a propósito anotar que esses aspectos sobre a crítica presencista foram fartamente abordados nos principais trabalhos de investigação sobre o tema, e que, se preferirmos selecionar seus traços de maior expressão, encontraremos fundamentalmente quatro tópicos a serem consideradas: a revitalização crítica do movimento *Orpheu*, que fundara efetivamente o Modernismo português; a defesa de uma arte desvinculada de contextos político-sociais; a divulgação em Portugal de importantes autores modernos então em voga em boa parte da cultura européia; e a proposição de valores de avaliação e de criação artística fundados na subjetividade do criador.

A despeito das tentativas de descrição e interpretação do *Presencismo*, há, entretanto, pouco discernimento acerca da crítica presencista, que é a sua faceta historicamente mais relevante. As características dessa crítica, apontadas de forma sistemática e direta, escondem dificuldades de compreensão e falhas de abordagem que chamam especialmente a atenção por sua espantosa recorrência nos trabalhos daqueles que lidaram com ela. Talvez, uma vez que se foquem essas dificuldades como objetos de reflexão, possa-se encontrar dentro da própria malha exegética sobre o tema a melhor forma de descrever o que se convencionou chamar de “crítica presencista”.

A bibliografia sobre a *Presença* é vasta e dinâmica. Por esse motivo, existe um risco envolvido na estratégia de se delimitar campos metodológicos preferenciais de avanço nesse universo. Com o tempo, é provável, e esperado, que surjam outras linhas de análise que despontem como dominantes na fortuna crítica presencista, e que as aqui identificadas como as mais recorrentes tenham sua validade questionada.

Entre os tipos de abordagem mais recorrentes em relação ao *Presencismo*, pode-se destacar três modos de aproximação que dificultam uma descrição clara do objeto criticado:

1. Boa parte dos principais trabalhos sobre o “Presencismo” procede de uma ótica pouco distanciada do objeto. Ou por seus autores terem sido integrantes do movimento, ou por suporem um senso comum em torno de suas noções fundamentais, nesse tipo de discurso crítico a apropriação do discurso criticado se faz de modo problemático, porque ao reproduzir o essencialismo e as generalizações do discurso tratado, torna a análise incapaz de elucidar seus termos constituintes fundamentais. Em alguns casos, se não há essa apropriação, também não há esforço para se conquistar uma linguagem própria, o que é resolvido pela mera citação do texto presencista. A questão aqui é, portanto, a *utilização da autovisão presencista como recurso crítico descritivo*.

2. A maioria dos trabalhos que procuram rastrear o domínio valorativo presencista parte dos textos doutrinários a fim de elencar as proposições centrais que regeriam a crítica na revista. Sem atentar para o fato de que doutrina e crítica são campos distintos, a maior parte dos leitores especializados no tema toma proposta por realização, ou seja, descreve o “Presencismo” basicamente como aquilo que J. Régio (alguns incluem G. Simões complementarmente) quis que fosse. Tal *supervalorização doutrinária* é traço característico da crítica sobre o assunto.

3. Em 1960, o ensaio “*Presença, ou a contra-revolução do Modernismo*”,<sup>1</sup> de Eduardo Lourenço, dá forma a uma apreciação da *Presença* que será a dominante daí por diante. A interpretação de Eduardo Lourenço constitui, pode-se dizer, um divisor de águas na fortuna crítica sobre o tema. Poucos são os trabalhos sérios na área que deixam de citá-lo. Mais do que isso, parte dos artigos e ensaios sobre o assunto estabelece uma espécie de diálogo implícito com o ensaio de Lourenço, resultando, não raro, na *perda de perspectiva* do objeto e num *equivoco de compreensão compartilhado*.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Ainda sem a interrogação e a especificação “Português”, no final do título, que depois seriam adicionados, e com importantes supressões, feitas pela censura, às partes referentes a C. Monteiro.

<sup>2</sup> O texto é primeiramente publicado no Suplemento “Cultura e Arte” de *O Comércio do Porto* (14. 06. 1960), depois é recolhido no volume n. 3 de *Estrada Larga*, Porto Editora, s/d, pp. 238 - 251, e republicado na *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, nn. 23 - 24, de Julho - Dezembro de 1961, pp. 67 - 81, com o acréscimo no título: “Português”. Citamo-lo de sua versão definitiva, no livro *Tempo e Poesia*. Porto, Relógio D’Água, 1974. Pp. 143 - 168, com o ponto de interrogação em

Convém analisar mais especificamente esses procedimentos de descrição e abordagem. Seguirei a ordenação proposta acima e, no encerramento de cada seção, tratarei das soluções críticas que me pareceram mais produtivas em relação ao momento tratado.

## 1

A falta de distanciamento discursivo na relação crítico-criticado é característica quase unânime dos manuais de história da literatura e das obras que têm por objetivo estabelecer panoramas geracionais, culturais, ou focar tendências de época. Vejamos alguns exemplos.

Em *A Literatura Portuguesa*, de Massaud Moisés, a falta de uma linguagem crítica própria na descrição da doutrina presencista impede o esclarecimento daquilo que se entende pelos seus termos constituintes, que, por serem apenas reproduzidos, resultam na impossibilidade de se precisar em que medida a *Presença* dá prosseguimento à *Orpheu*:

... continuando a linha de *Orpheu*, (os presencistas) defendem o primado da 'literatura viva' sobre a 'literatura livresca'. Para tanto, antepõem anarquicamente o individual ao social, a intuição a qualquer verdade objetiva ou racional, o "mistério" ao realismo fotográfico, etc. Propugnam, enfim, por uma 'literatura artística'.<sup>3</sup>

Entre aspas ou em itálico, os termos típicos da doutrinação e da crítica presencistas comportam grau semântico e circunstancialidade apenas indicados, sem que o discurso crítico explicita seu significado ou os problemas de compreensão que deles decorrem.

Em *História Social da Literatura Portuguesa*, embora seus autores, Benjamin Abdala Júnior e Maria Aparecida Paschoalin, reconheçam que há falta de clareza no discurso presencista, limitam-se a incorporar os termos tratados no seu próprio discurso, apontando apenas, e paradoxalmente, para a sua obscuridade, mas sem articular um modo de superá-la: "Os presencistas divulgaram a concepção vitalista

---

seguida a "Português". A maior parte dessas informações bibliográficas foram colhidas de: Lisboa, Eugênio. *O Segundo Modernismo em Portugal*. Lisboa. Biblioteca Breve V. 9. 1984 (1977). Pp. 139 - 140.

<sup>3</sup> Moisés, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. (27ª. ed.) São Paulo: Cultrix, (1ª. ed. 1960). P. 258.

da obra de arte, de forma abstrata. O artista deveria ser ‘original’, ‘sincero’ e revelar a sua ‘verdade’ mais ‘profunda’, conceitos teóricos, como se vê, nebulosos.”<sup>4</sup>

A *História da Literatura Portuguesa*, de Lopes e Saraiva, é um texto em que se alternam momentos de afastamento e de aproximação em relação ao discurso presencista. Nesse clássico, lê-se, por exemplo:

Em relação às tendências até então precedentes, os escritores da *Presença* consideravam-se como prospectores de certa riqueza humana entre nós literariamente ignorada: os valores da *sinceridade vinda da região mais profunda, inocente e virgem, do ato gratuito germinado no inconsciente, da recriação individual do mundo, da personalidade original*.<sup>5</sup>

Dentre os manuais de literatura, há ainda alguns textos em que a inadequação da descrição independe da escolha da abordagem. Um exemplo claro disso se verifica num texto de 1986, publicado pela Harper and Row.<sup>6</sup> Mais que curioso, é lamentável o tratamento que o tema recebe numa das raras obras brasileiras de caráter didático que o mencionam, intitulada *Curso de Literatura*. O caso é tão extremo que é de se supor uma infortunada troca de nomes, para que, nos seguintes termos, Jorge Miguel situe o grupo do 2º Modernismo como sendo “mais moderno” que o primeiro:

A primeira geração de escritores modernos portugueses – aquela ligada ao grupo *Orpheu* – com pouca exceção, só teve o rótulo de Modernismo. A verdade é que os artistas lusitanos do começo do século jamais se afastaram da tradição. Presos ao romantismo, ao historicismo e ao tradicionalismo, tinham como mestres Herculano, Camilo e Eça. Declararam-se modernos, mas exerciam, na verdade, uma literatura de tradição. Muito mais moderno que o grupo *Orpheu* foi o grupo *Presença*: cômico de sua missão, revolucionário,<sup>7</sup> contundente, destruidor, ou seja, mais próximo aos ideais do Modernismo europeu.

Em *A Poesia da Presença*, antologia precedida de um ensaio introdutório, lê-se a seguinte afirmação: “A arte e a literatura tendem então a ser antes de mais a expressão do humano.”<sup>8</sup> A incorporação do termo “humano”, que carrega a mesma absolutização encontrada na *Presença*, carece de precisão semântica. Não se

---

<sup>4</sup> Júnior, Benjamin Abdala & Paschoalin, Maria Aparecida. *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ed. Ática, 1982. P. 149.

<sup>5</sup> Saraiva, António José & Lopes, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. (6ª. ed.) Porto: Porto Editora Limitada. S.d. P. 1029.

<sup>6</sup> Miguel, Jorge. *Curso de Literatura*. São Paulo: Ed. Harper and Row Brasil Ltda., 1986.

<sup>7</sup> Op. cit. P. 286.

<sup>8</sup> Nunes, Maria Teresa Arsénio. *A Poesia da Presença*. Lisboa: Seara Nova, 1982. P. 17.

evidencia aqui, por exemplo, a percepção básica de que não só a arte e a literatura, bem como qualquer forma de expressão individual é, por princípio, “expressão do humano”; de que não há uma definição preexistente e fixa de “expressão do humano” capaz de substituir cada forma de expressão de cada indivíduo; ou de que, por outro lado, o que significa “expressão do humano” para os da *Presença* pode não significar para o intelectual da década de 1980, de quando é esse texto. Isso, é claro, sem considerar que a própria recorrência à noção de “expressão” atesta uma confiança insuspeita na crença de que as palavras dizem uma realidade apriorística, ao invés de se supor que as palavras constroem realidades.

Em *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, obra de referência para o estudo do tema, o leitor se depara com uma seleção cuidadosa de citações, colhidas sobretudo de J. Régio e de G. Simões, e orientada com a finalidade de reportar textualmente os documentos de teor crítico, doutrinário e literário. Clara Rocha, entretanto, ao comentar os trechos que cita, não se impõe a tarefa de redefinir a linguagem crítica de modo a afastá-la da presencista; ao contrário, seu discurso incorpora o do período em muitos dos aspectos tratados. Quando descreve a doutrinação formulada na revista, por exemplo, afirma: “A arte deve ser original e sincera”.<sup>9</sup> Na seqüência, não há reflexão analítica sobre o emprego de cada uma dessas abstrações.

Mesmo num texto específico sobre o assunto, e igualmente de alto nível, como *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*, Fernando Guimarães procura explicitar uma citação de J. Régio, fazendo uso dos próprios termos do discurso doutrinário: “A verdadeira arte será, portanto, uma ‘arte humana’ ou ‘uma expressão do humano através do homem’.”<sup>10</sup> Ou ainda, em *O Segundo Modernismo em Portugal*, deparamo-nos com generalidades como: “Há, no entanto, e apesar de tudo, um solo comum entre os presencistas, e seria estulto negá-lo: um amor genuíno à arte como arte, um gosto de independência e de liberdade interior, a convicção inabalável de que a arte é obra individual...”<sup>11</sup>

O texto introdutório da edição fac-similada da *Presença*, “Esta Nova Presença da *Presença*”, de David Mourão-Ferreira, que é mais uma apologia do que propriamente um estudo crítico sobre o grupo, padece desse mesmo processo de apropriação de linguagem: “Arte pela Vida e Vida pela Arte (nunca, porém, Arte pela Arte) foram sempre, afinal, os grandes móveis dos presencistas...”<sup>12</sup> As

---

<sup>9</sup> Rocha, Clara. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985. P. 394.

<sup>10</sup> Guimarães, Fernando. “O que é ‘Literatura Viva’”. In *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*. Porto: Brasília Editora. 1981. P. 22.

<sup>11</sup> Op. cit. P. 70.

<sup>12</sup> *Presença*. Ed. Facsimilada (tomo I). Lisboa: Ed. Contexto. 1993. P. 6.

maiúsculas pouco especificam o significado dos termos, já que eles variam de contexto para contexto: “Arte pela vida” é uma expressão que pode ser entendida, por exemplo, como uma referência à arte engajada, compromissada política e socialmente, como a neo-realista; e “arte pela arte” pode ser também o que os presencistas chamaram várias vezes de arte “pura”, isto é, que não seja a expressão programática de uma estética pré-determinada, de uma doutrina escolar que a intelectualize, mas que obedeça às exigências pessoais e de inclinação subjetiva do artista.

É importante notar que quando nos deparamos com trabalhos que tratam da história ou do que se costuma generalizar por “estética” da *Presença*, há duas obras de referência, que são constantemente citadas e que constituem uma outra categoria na fortuna crítica sobre o assunto: a dos textos produzidos pelos seus ex-integrantes. *História do Movimento da “Presença”*,<sup>13</sup> de G. Simões, e *A Poesia da “Presença”*,<sup>14</sup> de C. Monteiro, têm servido como porta de acesso ao universo presencista, e até, nos casos mais extremos, parecem substituir a leitura da revista. No caso desses textos, o que se vê é o auto-relato histórico, uma perspectiva direta e particularmente compromissada com aquilo que se descreve. Basicamente, perante esses textos, a postura do leitor especializado no assunto deveria ser a mesma da de quem se depara com o comentário de um autor sobre a própria obra, ou seja, não a de considerá-lo como um texto integrante da fortuna crítica sobre o tema, mas como um documento que faz parte do próprio espólio presencista. De maneira geral, entretanto, não é isso que ocorre, e, sem as precauções necessárias, os comentadores consideram esses textos como pontos de referência para a compreensão da matéria. Muito da apropriação lingüística aqui tratada decorre da adoção desse ponto de partida pelos críticos.

Mas há autores que aceitam o desafio por uma descrição distanciada e, mesmo sem alcançar uma solução conclusiva em seus textos, contribuem decisivamente para uma transparência maior da crítica. Nesse sentido, figuram entre os principais Óscar Lopes, autor do mais completo estudo sobre a *Presença*,<sup>15</sup> e Pierre Hourcade,<sup>16</sup> cuja lucidez incomum arquiteta uma perspectiva caracterizada pela neutralidade e

---

<sup>13</sup> Simões, João Gaspar. *História do Movimento da “Presença”* (seguida duma antologia crítica). Coimbra: Atlântida, 1958.

<sup>14</sup> Monteiro, Adolfo Casais. *A Poesia da “Presença”*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1959.

<sup>15</sup> *Entre Fialho e Nemésio* - Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea. V. II. s.l: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. Ver P. 615 e ss.

<sup>16</sup> “O Ensaio e a Crítica na *Presença*”, in *Colóquio Letras*, n. 38, Julho de 1977. Este artigo consta do *Panorama Geral da Literatura Portuguesa*, do mesmo autor.

uma descrição de clareza meridiana. Nesse aspecto da linguagem crítica, se é Lourenço aquele que mais consegue sustentar um estilo próprio na análise da *Presença*, é Fernando Guimarães aquele que aceita o desafio por uma descontingencialização mais profunda da linguagem.

Em “O que é Literatura Viva”,<sup>17</sup> a acuidade analítica de Guimarães vem à prova no embate com a nebulosidade do texto presencista. Sobre o *individualismo* da geração, o autor chega a um de seus pontos mais altos, ao defrontar o *eu* do indivíduo criador com sua forma de expressão presencista, que, por não alcançar autenticidade homóloga à psíquica, incide num vazio conceitual, marcado pela absolutização dos termos:

A passagem deste núcleo desdobrante - o eu e o artista -, que é uma verdadeira hipótese, a um grau mais elevado de espiritualidade, o da linguagem da obra literária, conduz naturalmente ao problema de saber se esse eu e se essa *linguagem* apresentam uma natureza homóloga, o que acarretava embaraços pela confusão que se podia estabelecer entre *psíquico* e *literário*.<sup>18</sup>

F. Guimarães é talvez o único crítico que de fato reconhece o que parece ser o nó górdio da estética presencista: a indiferenciação entre o indivíduo que vive e o indivíduo que escreve, ou ainda, entre o pensamento e a palavra. É de se questionar o modo como os presencistas leram autores como Pirandello e Pessoa, isto é, segundo uma perspectiva por ambos os autores (e talvez se deva dizer: justamente por eles) superada.

O individualismo presencista é visto pelo crítico como idealização e generalização do *eu*, e não exatamente como sendo a sua individualização, daí F. Guimarães falar num “sujeito absoluto” mais inclinado para uma postura “metafísicista” do que psicologista. Se a reflexão presencista leva adiante essa idéia, não é da mesma forma que atenta para o paralelo literário, ou seja, para a forma de realização artística desse *eu absoluto*. Daí, segundo o crítico, a proclamação de um valor “ambíguo” como a *sinceridade*, mais voltada para o indivíduo criador, enquanto ser “biografizável” e “psicanalizável”, do que para a linguagem literária. O crítico enfoca a crença tipicamente romântica na unidade do sujeito, que serve como pano de fundo ao ideário presencista, e que Pessoa havia há muito tempo liquidado de seu pensamento poético.

Considerando o domínio valorativo presencista, a ênfase num *eu* absoluto e essencializado, o crítico remonta à metáfora “sinceridade” como a idealização de

---

<sup>17</sup> Guimarães, Fernando. Op. cit

<sup>18</sup> Ibid. P. 24.



um eu hipostasiado na palavra artística. Assim, podemos supor que não se trata de ir buscar no termo latino *sinceritas / sinceritatis*, o significado de *sinceridade*, mas de remontar, à luz do emprego que é feito, ao universo que o circunstancializou.

Fernando Guimarães tem em seu texto o mérito de desenvolver uma linguagem própria e uma perspectiva analítica que não se esquiva do problema capital presencista: o da linguagem. O ponto fraco de sua análise é que, ao procurar responder a questão-título – “o que é literatura viva?” –, F. Guimarães realiza uma leitura complementar entre Régio e Simões, que não existe na *Presença*. O crítico perde de vista a postura descritiva, que o conduziria para uma pergunta do tipo: o que é literatura viva para Régio (?), e passa a formular uma concepção complementar de “literatura viva”. É a sua descrição, em síntese, que responde por certa coerência e unidade do “Presencismo”, e que o restringe, ainda, apenas a Régio e Simões. O mesmo ocorre, mas de modo mais flagrante, em outro ensaio que assina, “Entre Vanguarda e Tradição: A *Presença*”<sup>19</sup> – e que, apesar disso, é igualmente iluminador. Se por um lado a circunstancialização do Presencismo é o ponto forte do texto, por outro, há aqui a suposição de uma unidade geracional que se constrói a partir de uma plataforma teórica comum, que seriam, a exemplo do outro texto que mencionei, os ensaios ou artigos de natureza doutrinal, de Régio e de Simões: “É a partir dessa plataforma que se faz a valorização do Modernismo”.<sup>20</sup> Logo adiante, entretanto, o crítico diferencia as concepções de individualismo de Régio e de Simões, falando num *eu metafísico* e num *eu psicológico*, respectivamente.<sup>21</sup>

Em comparação com os demais, esse é, entretanto, um caso mais sutil, em que o crítico não tende a focar somente a doutrina presencista, mas a entrar, como se costuma dizer, no mérito da questão.

## 2

A ida até o texto doutrinal, sobretudo até J. Régio, é uma constante na fortuna crítica da revista. Em *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, se por um lado Clara Rocha ressalta o “arejamento crítico” trazido ao momento cultural do 2º Modernismo, por outro, lista uma série de características dessa crítica de um modo unificado, sem a necessária caracterização de cada crítico e, além disso, a

---

<sup>19</sup> Guimarães, Fernando. “Entre Vanguarda e Tradição: A *Presença*”. *Simbolismo, Modernismo e Vanguarda*. S.l.: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982.

<sup>20</sup> *Ibid.* P. 80.

<sup>21</sup> *Ibid.* P. 81.

partir de textos que não são exatamente de crítica literária, mas de teorização crítica, sobretudo os célebres “Literatura Viva” e “Literatura Livresca e Literatura Viva”, de Régio. Descreve-se o que se aceita e o que se recusa apenas por princípio, e não como atitude crítica no embate com os textos. A idéia de doutrinação estética confunde-se, assim, com a de atividade exegética, e as diferenças entre as personalidades críticas na revista são apagadas em prol de um retrato simplificado e definidor do movimento.

Veja-se, por exemplo, a seguinte passagem do ensaio “A Poesia da *Presença* ou a Retórica do Eu”: “Se no plano teórico os conceitos de Modernismo de Pessoa e de Régio, ou seja, do *Orpheu* e da *Presença* (...)”<sup>22</sup> Nessa formulação, percebe-se que se supõe um conceito unânime de Modernismo, e nota-se que o Modernismo está subsumido em Pessoa, como a *Presença* está subsumida em Régio. De forma menos redutora, mas ainda parcial, E. Lourenço faz prevalecer a crítica de G. Simões em sua definição de *Presencismo*: “... a atitude crítica genérica de “*Presença*”, que sumariamente podemos resumir designando-a como *psicologismo*.”<sup>23</sup>

De modo mais explícito, Eduardo Prado Coelho, ao falar de *Páginas de Doutrina e Crítica de “presença”*,<sup>24</sup> uma reunião de textos de José Régio na revista, afirma: “e a famosa estética presencista? Pois cá está ela, aqui exposta no leque de seus textos fundamentais.”<sup>25</sup> E com Régio ainda como ponto de referência, o crítico afirma: “A estética da *Presença* hesita entre ser anarquismo ou ser religião. Como diz Régio: ‘Em suma: Viva o anarquismo na inteligência e na arte!..., até que Deus, governador único, se revele’.”<sup>26</sup> Aqui, é bastante nítida uma perspectiva que supervaloriza um único aspecto da revista, o texto doutrinário, e apenas de um autor, José Régio, para se definir as linhas de força de toda uma geração.

Mas há autores que dão particular atenção para esse problema, como é o caso de Pierre Hourcade e o de David Mourão Ferreira.

O primeiro, no fundamental “O Ensaio e a Crítica na ‘Presença’”, interessa-se pela captação do “pensamento crítico presencista” ressaltando “a interdependência dos vários temas e espíritos, e também, sobretudo, o que é permanência e o que é

---

<sup>22</sup> Machado, Álvaro Manuel. “A Poesia da *Presença* ou a Retórica do Eu”. In *Colóquio Letras*, n. 38, Julho de 1937. P. 7.

<sup>23</sup> Op. cit. P. 146.

<sup>24</sup> Régio, José. *Páginas de Doutrina e Crítica da “presença”*. Porto: Brasília Editora, 1977.

<sup>25</sup> Coelho, Eduardo Prado. “Teorias da ‘*Presença*’”. *Colóquio Letras*, n. 42, Março de 1978. P. 45.

<sup>26</sup> Ibid. P. 50. O mesmo acontece em alguns momentos do texto de Eugênio Lisboa, *O Segundo Modernismo em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa -Biblioteca Breve V. 9, 1977 (2ª. ed. 1984), em que tira conclusões gerais sobre a *estética presencista* a partir de trechos de textos de Régio.

variação, o que se conserva e o que evolui.”<sup>27</sup> O parágrafo seguinte é uma das raras passagens na fortuna crítica presencista em que a conclusão de uma dominante geral só é dada depois de pesados os acentos e as linhas de força características de cada crítico, fazendo perceber o que é específico e o que é geral na crítica presencista; por isso, vale a pena citá-lo integralmente:

Quer se trate de João Gaspar Simões definindo o estilo como “a revelação inconfundível duma personalidade”, ou o Modernismo como expressão duma arte cujas “características [...] repousam na originalidade individual”, ou reivindicando contra Benda, por um lado, contra Ortega y Gasset, por outro, o direito que a arte tem de ser “individualista” para se manter fiel à sua verdadeira natureza; de Casais Monteiro, opondo ao intelectualismo de Valéry “a sinceridade audaciosa de todas as tendências”, que lhe parece caracterizar o melhor da poesia moderna, “pura” na medida em que “a sua aspiração vai para um canto em que a voz inconfundível do poeta domine [...], voz de medium de si próprio e da vida; ou do próprio Régio, proclamando que o grande mérito do Modernismo, “questão de sensibilidade e pensamento (isto é: de personalidade)”, não é de ordem estética, no sentido restrito da palavra, mas de ordem psicológica [“expressão estética das novas (mas eternas) riquezas que o homem em si presente”] - ressaltam sempre as mesmas dominantes dum para outro número, dum para outro autor. Seria fastidioso - nem, de resto, o espaço de que disponho no-lo permitiria - multiplicar aqui os exemplos. Cada um dos grandes críticos da “Presença” irá, bem entendido, acentuar um aspecto privilegiado da questão que melhor corresponda às suas preocupações pessoais: Régio focará a noção de personalidade do escritor; Casais Monteiro a relação “dialética” - como hoje se diz - existente entre intuição e razão; Simões, enfim, o mecanismo da transposição estética do real, a que chama “deformação”. Mas isto são apenas os vários cambiantes da visão, comum a todos, duma arte individual, de expressão e pesquisa pessoal, livre de qualquer servidão tanto em relação ao passado estético como ao presente político e social.<sup>28</sup>

Já David Mourão-Ferreira, num dos ensaios mais *sui generis* sobre a *Presença*, e que é o único a tratar de seu “provincianismo”, intitulado “Caracterização da ‘Presença’ ou As Definições Involuntárias”,<sup>29</sup> chama claramente a atenção para o equívoco metodológico de se ir buscar nos textos doutrinários as características comuns aos colaboradores da revista:

Se tentarmos encontrar características comuns aos escritores que dirigiram a presença e a quantos nela colaboraram, ocioso será ir procurá-las nos textos doutrinários em que eles-mesmos, sobretudo os primeiros, pretenderam defini-la e definir-se. E será ociosa tal procura por três motivos: em primeiro lugar, porque textos dessa natureza, não obstante a boa fé (que nem sempre têm), mais exprimem desejos que realidades; em

---

<sup>27</sup> Op. cit. P. 201.

<sup>28</sup> Ibid. Pp. 203 - 204.

<sup>29</sup> Mourão-Ferreira, David. *Presença da “presença”*. Porto: Brasília Editora, 1977.

segundo lugar, porque até mesmo os desejos que exprimam corresponderão tão-somente ao impulso íntimo de dois ou três, adotados em seguida pelos restantes; e, finalmente, porque, ainda que de realidades se tratando, seriam, pela sua própria generosidade, tão amplas e tão vagas que não caracterizariam coisa alguma.<sup>30</sup>

Entre a *doutrina* presencista e a *crítica* presencista há, de fato, uma distinção fundamental, assentada, segundo os termos de Mourão-Ferreira, na diferença entre *desejo* e *realidade*. A primeira são principalmente os dois manifestos de Régio e as várias passagens de mesma índole encontradas na prosa crítica (mas, indiretamente, também na ficcional e na poesia) dele próprio, de G. Simões e de C. Monteiro, principalmente. A segunda são os textos em que se defronta o olhar analítico com a obra de arte, ou ainda, com seu autor, temas e tópicos literários (como o estilo, o gênero, a universalidade etc.). A *supervaloração doutrinal* acaba por sugerir que haja uma correlação muito forte entre os críticos a ponto de se desconsiderarem os acentos diferentes de diferentes personalidades, como se só houvesse uma única, tutelar na figura de Régio.

Fazendo a conseqüente discriminação, surge então o cerne do problema crítico mais importante em torno da fortuna crítica presencista: é possível falar em *crítica presencista*? P. Hourcade nos mostra que sim: mesmo se pesando as linhas de força características de cada crítico, suas matizes e seus interesses próprios, ressaltam as mesmas dominantes nos três principais. É possível, assim, falar em diferentes manifestações do Presencismo dentro da *Presença*, que não apagam uma certa unidade mais geral.

### 3

É importante atentar para a sombra que paira sobre boa parte das interpretações sobre a *Presença*. E “sombra” é bem o termo, pois o texto de E. Lourenço mais tem gerado confusão e desvios de análise do que iluminado o universo do 2º Modernismo. Vale lembrar o que diz o crítico:

O recurso à designação de *Segundo Modernismo* introduz a idéia de uma diferença numa continuidade e por isso mesmo não é mais satisfatório. O acento é colocado na cronologia, não na natureza dos dois fenômenos culturais. Quanto a nós, sugeriríamos como mais adequada à realidade profunda de “Presença” e à topografia do nosso panorama cultural a designação de *Contra-Revolução do Modernismo*.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Ibid. P. 23.

<sup>31</sup> *Tempo e Poesia*. Op. cit. P. 162.

Um pouco adiante, existe nesse ensaio um reforço dessa idéia:

“Presença” aparece-nos como *reflexão* sobre o Modernismo e, simultaneamente, *refração* do Modernismo. Bastava isto para cavar uma diferença que o culto da personalidade e da originalidade, conscientemente professado, só podia acentuar até converter o falso filho num autêntico rival. As premissas teóricas de “Presença” já pré-anunciavam o assassinato ritual do Pai, coisa que esta geração freudiana compreende bem.<sup>32</sup>

Como o próprio Lourenço afirma, suas preocupações estão no domínio da “sociologia literária e cultural”, que se vê prejudicado pelo emprego do termo de vezo historicista, “Segundo Modernismo”, cuja natureza engendra uma significação muito mais cronológica do que cultural, de onde procede a crítica. A polêmica em torno de seu texto não está, portanto, na destituição do termo vigente, mas na adoção do novo. É consensual o reconhecimento de que a geração da *Presença* não produz uma arte mais radicalmente nova, nem mais esteticamente rica do que a primeira, tampouco significa um passo além (ou a partir) do *Orpheu*. Entretanto, o fato de o mesmo autor de uma obra crítica capital para o entendimento do Modernismo português optar por um termo de impacto negativo para designar tal momento cultural, repercute num consenso contra sua escolha. E essa recusa, como dissemos, traz à luz da fortuna crítica sobre a *Presença* um sem-número de reflexões modalizadas pela designação “contra-revolução”. Esse fenômeno é fundamental na orientação de vários importantes trabalhos, pois se, por um lado, entender o Presencismo a partir do texto de Lourenço conduz a análise geracional a um tipo de investigação histórica simplificada e, em certo sentido, pouco elucidativa, por outro, estimula e aprofunda a reflexão crítica sobre o tema.

Eduardo Prado Coelho chama a atenção para esse primeiro aspecto:

Contra-revolução? Poucas afirmações relativas à história literária portuguesa terão tido tamanho eco como esta que Eduardo Lourenço, rodeando-se de todas as precauções, lançou um dia em texto famoso. Profundos interesses ideológicos ou libidinais se devem ter sentido afetados para que, daí em diante, a discussão sobre a *Presença* tenha passado a girar à volta desta tese. E para que, por outro lado, tantos equívocos se tenham acumulado em torno dela.<sup>33</sup>

Mas P. Coelho não menciona os “tantos equívocos” em torno da expressão, limitando-se a afirmar, vagamente, que “contra-revolução” era inicialmente metáfora

---

<sup>32</sup> Ibid. Pp. 162 - 163.

<sup>33</sup> Op. cit. P. 53.

política para uma realidade cultural” e que a sua escolha implicaria “a releitura de toda a história cultura portuguesa do nosso século”.<sup>34</sup>

Ora, no texto de E. Lourenço fica clara uma postura voltada para a poesia, e não para as demais formas de Presencismo. O crítico tem, inclusive, o cuidado de explicitar isso: “...o caso da ‘prosa’ e da ‘crítica’ são muito outros...”.<sup>35</sup>

Apesar de bastante clara, essa perspectiva que se formula no texto de Lourenço é mal compreendida. Veja-se, por exemplo, a afirmação de Maria Teresa Arsênio Nunes: “A polêmica e o interesse suscitados pelas doutrinas estéticas presencistas prolongar-se-iam até mais tarde. Vejam-se, a título de exemplo, o artigo de Eduardo Lourenço – ‘Presença ou a contra-revolução do Modernismo português’”.<sup>36</sup> O equívoco aqui é duplo, por se entender o texto de E. Lourenço como uma reflexão em torno “das doutrinas estéticas presencistas” e por considerar a “polêmica” como suscitada “pelas doutrinas estéticas presencistas”, uma vez que a polêmica que gira em torno do Presencismo é provocada pelo ensaio de Lourenço, ou ainda, a polêmica são as leituras que o crítico recebe, e não algo que se prolonga até seu texto.

Em “Órgãos do Segundo Modernismo”,<sup>37</sup> Óscar Lopes empenha-se na valoração do movimento à luz da seguinte afirmação: “Tornou-se comum a idéia de que o grupo da revista *Presença* não representa qualquer avanço em relação ao de *Orpheu...*”, o que o crítico correlaciona com dois autores: “David Mourão-Ferreira sublinhou o ‘provincialismo’ dos presencistas, e Eduardo Lourenço vê-os como fatores de uma ‘contra-revolução’ relativamente ao único Modernismo, o primeiro.”<sup>38</sup> A partir do entendimento de um panorama crítico injusto com o movimento, Lopes busca em seu capítulo os ganhos, por assim dizer, que resultaram do Presencismo: “Uma dialética mais rigorosa deve reconhecer, todavia, que nalguma coisa o mediador histórico (a *Presença*) leva, com certeza, vantagem em relação à fonte mediatizada, para que a sua mediação tenha se exercido.”<sup>39</sup> E assim, se o ensaio de Lourenço tende para a comparação *Orpheu - Presença*, nitidamente voltada para a valoração do primeiro, a de Lopes é mais evidentemente uma comparação com o acento sobre a *Presença*, numa contraposição ao ensaio de Lourenço: “Do Primeiro para o Segundo Modernismo, desce-se do Céu à Terra,

---

<sup>34</sup> Ibid. P. 54.

<sup>35</sup> Op. cit. P. 161.

<sup>36</sup> Op. cit. P. 22.

<sup>37</sup> Op. cit. Pp. 625 - 629.

<sup>38</sup> Ibid. P. 625.

<sup>39</sup> Ibid.

com perda de poesia, ganho, pelo menos de seriedade, no ensaio, e vantagem mais evidente na novelística.”<sup>40</sup> E poderia ainda ter acrescentado: na crítica.

O fato é que, se Lopes concorda que há “perda de poesia”, não há no que se contrapor a Lourenço, para quem “o caso da ‘prosa’ e da ‘crítica’ são muito outros”. Não há, na verdade, uma afirmação no ensaio de Lourenço que diga que existe apenas “um único” Modernismo, como afirma Lopes. Já no ensaio de Mourão-Ferreira, o termo “provincialismo” não tem a conotação pejorativa que assume no emprego de Lopes, mas surge como um “denominador comum” que explica “a coesão e a vitalidade do grupo”,<sup>41</sup> pela interpretação do Presencismo em todos os seus aspectos, sobretudo o ficcional. Ao tratar da ficção de J. Régio, por exemplo, Mourão-Ferreira fala em “riquíssimo veio de inspiração provincial”,<sup>42</sup> e, em outro momento, ao ressaltar a “vitalidade do grupo”, o crítico afirma: “Assim, o provincialismo presencista deixa entrever um estrutural sentido de realidades - um *realismo involuntário*, sem dúvida de melhor têmpera que qualquer realismo de escola.”<sup>43</sup>

O crítico que mais se empenha nessa questão é Eugênio Lisboa, e sua postura é, de fato, particularmente lúcida. Para Lisboa, “contra-revolução” é um movimento que se opõe, que de algum modo se propõe travar e destruir alguma coisa e as conseqüências dessa coisa”. Já o que sucederia com a *Presença*, se não é a continuidade do Primeiro Modernismo, não é também a sua negação: “No fluxo contínuo dos tempos, aos períodos de frenética ‘aventura’, é bom que sucedam períodos de alguma ‘ordem’, que permitam fazer-se um pouco o inventário dos ganhos e conquistas anteriores e inscrevê-los no patrimônio da nação.”<sup>44</sup> E ainda: “Do *Orpheu* para à *Presença* não se caminha para trás: caminha-se em frente como é do humano caminhar, isto é, por alternâncias de respiração, que também existem dentro de cada um dos movimentos e não só quando se vai de um para outro.”<sup>45</sup> E, como uma dessas pausas para se tomar fôlego, salienta um aspecto marcante do grupo:

O chamado segundo Modernismo - e só é segundo por vir a seguir ao primeiro e não por razões de subalternidade - traz consigo uma vocação ensaísta e pedagógica que o primeiro desconheceu quase por completo. (...) É a *Presença* que vai angariar para os argonautas do *Orpheu* o público que estes se tinham entretido a espicaçar.<sup>46</sup>

---

<sup>40</sup> Ibid. P. 626.

<sup>41</sup> Op. cit. P. 41.

<sup>42</sup> Ibid. P. 37.

<sup>43</sup> Ibid. P. 40.

<sup>44</sup> Op. cit. P. 72.

<sup>45</sup> Ibid. P. 111.

<sup>46</sup> Ibid. P. 100.

Ao recusar a expressão “contra-revolução”, Lisboa direciona seu argumento para aquele primeiro aspecto que registrei na topografia crítica sobre a *Presença*: a *revitalização* crítica do *Orpheu*. E talvez, para ratificar esse aspecto, possamos reforçar a idéia que é também de Lopes, sobre a proximidade entre o discurso presencista e o senso comum de sua época, de forma a tornar mais “legíveis” e aceitáveis seus textos para o público médio; público esse de quem os poetas do *Orpheu*, praticamente alheios à noção de senso comum, zombavam.<sup>47</sup> Enquanto movimento crítico, não poderia ser contra-revolucionária a atitude presencista, mas se nos lembrarmos do que Lourenço fala da *poesia* presencista, não há uma contra-argumentação sólida a esse respeito mesmo no texto de Lisboa. E, nesse sentido, a discussão estaria em se trocar “contra-revolução” por “regresso natural”, “interrupção”, “retrocesso estético”, algo que eliminasse a conotação de recusa, a imagem *anti-órfica*, por assim dizer, que o termo sugere, mas sem apagar uma certa perspectiva esteticamente reacionária (ou neo-romântica) em relação ao *Orpheu*.

Pode-se dizer que a expressão de Lourenço, de algo aparentemente simples para ser contestado, passou a ser um ponto de referência sobre a *Presença*, mais pela oportunidade de se apontar para um deslize do célebre crítico do que pela gravidade do erro, já que, em seu texto, o autor cerca a expressão de alguns cuidados, como que já prevendo os mal entendidos: “Mesmo se nos cingimos apenas à poesia como aqui fazemos, (...) ‘Presença’ não justificaria, nem pela intenção nem pelos resultados, um título que insinua regresso artificioso e ausência de originalidade.”<sup>48</sup>

As tantas linhas gastas em defesa da *Presença*, na maior parte das vezes, consideram o ensaio de Lourenço como mediador do olhar crítico sobre a revista, e revelam o empenho em remediar ou ratificar determinada descrição. Resultantes de leituras imprecisas daquilo a que se contrapõem, não fornecem o contra-argumento adequado, já que essa resposta deveria enfatizar, e insisto nesse ponto, a poesia do grupo, um certo retrocesso estético (em termos históricos) em torno dela, e que não significa, necessariamente, qualidade inferior. A esse respeito, é especialmente relevante a assertiva de T. S. Eliot: “*there are times for exploration and times for the development of territory acquired.*”<sup>49</sup>

---

<sup>47</sup> Op. cit. P. 625.

<sup>48</sup> Op. cit.

<sup>49</sup> “The Music of Poetry”. *Selected Prose*. Great Britain: Penguin Books, 1955. P. 35.



## BIBLIOGRAFIA

- ABDALA JÚNIOR, Benjamin & PASCHOALIN, Maria Aparecida. (1982). *História Social da Literatura Portuguesa*. São Paulo: Ed. Ática.
- COELHO, Eduardo Prado. (1978). "Teorias da 'Presença' ". *Colóquio Letras*, n. 42, Março de 1978.
- ELIOT, T.S. (1955). "*The Music of Poetry*". *Selected Prose*. Great Britain: Penguin Books.
- GUIMARÃES, Fernando. (1982). "Entre Vanguarda e Tradição: A *Presença*". *Simbolismo, Modernismo e Vanguarda*. S.l: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_. (1981). "O que é 'Literatura Viva'". In *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*. Porto: Brasília Editora.
- HOURCADE, Pierre. (1977). "O Ensaio e a Crítica na *Presença*", in *Colóquio Letras*, n. 38, Julho de 1977.
- LISBOA, Eugênio. (1977). *O Segundo Modernismo em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa -Biblioteca Breve V. 9, (2ª. ed. 1984).
- LOPES, Óscar. (1987). *Entre Fialho e Nemésio - Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*. V. II. S/l: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- LOURENÇO, Eduardo. (1974). *Tempo e Poesia*. Porto: Relógio D'Água.
- MACHADO, Álvaro Manuel. ensaio "A Poesia da *Presença* ou a Retórica do Eu". In *Colóquio Letras*, n. 38, Julho de 1977.
- MIGUEL, Jorge. (1986). *Curso de Literatura*. São Paulo: Ed. Harper and Row Brasil Ltda.
- MOISÉS, Massaud. (1960). *A Literatura Portuguesa*. (27ª. ed.) São Paulo: Cultrix, (1ª. ed. 1960).
- MONTEIRO, Adolfo Casais. (1959). *A Poesia da "Presença"*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional.
- MOURÃO-FERREIRA, David. (1977). *Presença da "presença"*. Porto: Brasília Editora.
- NUNES, Maria Teresa Arsénio. (1982). *A Poesia da Presença*. Lisboa: Seara Nova.
- PRESENÇA*. (1993). Ed. Facsimilada (tomo I). Lisboa: Ed. Contexto.
- RÉGIO, José. (1977). *Páginas de Doutrina e Crítica da "presença"*. Porto: Brasília Editora.
- ROCHA, Clara. (1985). *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.